

# O grande jogo da vida



Permita-me construir uma metáfora para a reflexão sobre o que acontece com o adolescente que, quando chega aos 18 anos, ainda carente de um vínculo forte com um adulto que o tenha como filho ou filha, se sente pressionado a buscar um rumo próprio. Como pais naturais, nosso primeiro papel poderia ser comparado ao do professor de escolinha de futebol. Jogamos a bola e incentivamos a criança a chutá-la. Mesmo os chutes dados no ar são elogiados.

Depois passamos a exigir mais dela; apontamos as falhas e mostramos o que deve melhorar — assumimos o papel de técnico. Técnico e jogador-mirim têm os seus desentendimentos, mas tanto um quanto o outro respeita a divisão de papéis.

## **De técnico a torcedor: o destino de todos os pais**

Então chegam os dias da grande rebelião. E de técnico somos pouco a pouco rebaixados a torcedores e remetidos sem dó às arquibancadas. Ali, mesmo que se sinta ferido ou ultrajado pelo rebaixamento, o pai passa a torcer abertamente pelo filho. Pai que é pai só deixa o estádio quando o filho para de jogar. Essa mudança de papéis, de técnico a torcedor, é vivida de forma mais ou menos conflituosa pelas famílias. E, em sua maioria, as coisas tendem a se encaixar.

Mas o importante é perceber o que o adolescente tem de mais precioso: a garantia de que o técnico jamais pedirá as contas por vontade própria, mesmo em desacordo ou em grande conflito com o jogador. O rebaixamento parte do adolescente quando ele se sente seguro suficiente para jogar sem o apoio técnico do pai. Mas para tanto ele deixa de ser adolescente e passa a ser adulto! É claro que esse processo não tem data fixa nem acontece da noite para o dia.

## **Adolescência sem técnico: um grande problema**

Agora pensemos no adolescente com um histórico de violência doméstica, seguido de trajetória de rua. Um dia é convidado a aceitar a ajuda de um abrigo. Ingressa na casa, aprende as regras, cresce e se desenvolve em várias áreas. Mas continua a grande incógnita: quem é o seu técnico? Será que uma instituição pode desempenhar esse papel? Ela permanecerá nas arquibancadas até o final do jogo? Muitas vezes, essa pergunta ainda está sem resposta quando chega o dia em que a instituição (único técnico visível até então) declara:

“Agora, meu filho, você precisa jogar sozinho! Estamos saindo do campo!” Agora, meu filho, você precisa jogar sozinho! Estamos saindo do campo!”

É por isso que não é raro ouvirmos sobre adolescentes que estavam indo bem e de repente retrocederam, voltando a práticas autodestrutivas que já haviam superado. Não é raro também encontrarmos adolescentes ou jovens magoados com a instituição que os amparou por muitos anos.

## **Técnicos substitutos: uma grande demanda**

Não pense que, quando o adolescente em condições normais (com pais ajustados, condições socioeconômicas estáveis etc) despede os pais, remetendo-os às arquibancadas, ele fica sem técnico. Não, ele elege dentro das relações de convívio já existentes uma pessoa para substituir os pais. Deixa esse outro adulto orientá-lo, aconselhá-lo, e se dispõe a ouvir até mesmo muitas advertências parecidas com aquelas recebidas de seus pais. Nessa fase, na tarefa de se tornar um adulto, muitos podem ajudá-lo, menos os pais!

Um provérbio africano diz que é preciso uma vila inteira para educar uma criança. É verdade. De que um adolescente mais precisa nesse momento crítico da sua vida?



De mentores, de pessoas sábias, que com jeito se achegam a ele e dão aquele toque especial. Não é verdade que o adolescente seja fechado para os adultos e queira só a companhia dos colegas. Ele quer e precisa da intervenção dos adultos. A verdade é que o adulto precisa pedir licença, ganhar o direito de ser ouvido!

Que pessoas são as mais procuradas para exercerem o papel de técnico substituto? Professores, jovens adultos, tios e tias, pastores ou conselheiros de jovens, pais de um amigo ou amiga, patrão etc. Em condições normais, esse trabalho é feito naturalmente e se mostra muito prazeroso.

E quanto ao adolescente cuja vida está marcada pela quebra do vínculo familiar? Ele precisa de um técnico substituto disposto a se doar em jornada dobrada...

As instituições de apoio precisam buscar na sociedade civil, em geral, e nas igrejas, em específico, técnicos voluntários, pessoas que se dediquem a esse trabalho com fé e coragem. As práticas alarmantes dos adolescentes de hoje são gritos de desespero num mundo onde os vínculos duradouros estão ameaçados pelo individualismo, que cresce a cada dia. Há muitas vocações no reino de Deus, inclusive a vocação de técnico para adolescentes em situação de grande risco social. Seja você um deles!.

Por Elsie B. C. Gilbert

Origem: Revista Mãos Dadas. Edição 10.